

Debates sobre Haiti e Palestina agitam PUC-SP

A APROPUC, em parceria com diversas outras entidades, trouxe dois debates de extrema relevância para a PUC-SP. O primeiro, realizado no dia 8/11, discutiu a questão palestina, com enfoque na construção do muro israelense que isola o povo palestino, e, por muitas vezes impede que os palestinos exerçam sua atividade vital, assim como restringe sua liberdade de ir e vir, sendo um grande muro do apartheid.

O segundo debate, que ocorreu no dia 9/11, exigiu a retirada imediata das tropas da ONU no Haiti e se somou a uma série de mobilizações sobre o tema. Para as entidades que participam das mobilizações em torno da questão, as tropas da ONU desrespeitam os direitos humanos, e estão no Haiti para garantir que não haja mobilizações populares no país que promoveu a primeira revolução de escravos da América.

Para os dois debates foram trazidos militantes dos países de origem, que contaram suas experiências de resistência. Abdallah Abu Rahmah contou a experiência da resistência não-violenta na Palestina, e Didier Dominique, do grupo Batay Ouyiye, traçou um quadro da barbárica situação do Haiti (confira a cobertura desses eventos nas páginas 5 e 6).



Cerca de 5 mil estudantes protestaram no centro contra a presença da PM no campus

BÁRBARIE!

O PROTÉSTO CONTRA A TRUCULÊNCIA
DA AÇÃO POLICIAL NA USP

Páginas 2 e 3

Rede de Proteção pede apoio aos órgãos colegiados da PUC-SP

A Rede de Proteção a Militantes Ameaçados de Morte se reuniu novamente no dia 9/11, na sede da APROPUC. Durante a reunião foi aprovado que a APROPUC levará aos órgãos colegiados da PUC-SP um pedido de apoio formal à Rede de Proteção e para os militantes ameaçados. A intenção é ampliar a atuação da Rede, a divulgação das ameaças e conseguir mais recursos para as atividades.

O representante do CRESS informou que foi aprovado um manifesto contra as mortes de militantes durante o seminário nacional sobre a questão urbana do órgão. Além disso, ele informou que o CRESS de Minas Gerais, e a seccional de Juiz de Fora querem começar a articular a Rede de Proteção no estado.

Francilene Gomes informou que a justiça deu ganho de causa a uma das mães que teve o filho

morto durante os eventos de maio de 2006. A decisão obriga o Estado a indenizar a mãe. Ainda cabe recurso à decisão, no entanto, o grupo das Mães de Maio acredita que essa foi uma primeira vitória importante na luta por direitos, e por retratação.

Durante a reunião também foi apresentado um vídeo contendo uma série de denúncias de ameaças a militantes. O material está em fase final de conclusão,

e assim que estiver pronto será divulgado na internet, sendo mais uma importante forma de divulgação das denúncias.

Estavam presentes na reunião a APROPUC, o grupo Tortura Nunca Mais, CASS, CACS, ENESSO, Tribunal Popular, Movimento Indígena Revolucionário, CRESS, FEMEH, Comitê Pró-Haiti, e membros do movimento Hip-Hop.



STEFANO WRÓBLESKI

Cerca de 3 mil estudantes lotaram a FFLCH durante a assembleia que definiu greve geral da USP em resposta a truculência da PM

Entidades repudiam barbárie da PM na USP

A reitoria da USP, o governo do estado de São Paulo e a Polícia Militar coordenaram no dia 8/11, às 5 horas da madrugada, a retirada forçada dos estudantes que ocupavam a reitoria da universidade. Cerca de 400 policiais, com cavalaria, helicópteros, metralhadoras, e diversos outros aparatos repressivos, prenderam 73 estudantes desarmados que ocupavam a reitoria da USP para reivindicar o fim do convênio entre a PM e a universidade. Em resposta à forte repressão da polícia, cerca de 3 mil estudantes se reuniram em assembleia, no dia 8/11, e decidiram por uma greve geral, e 5 mil pessoas marcharam

pelo centro de São Paulo no dia 10/11. As principais reivindicações dos estudantes são: pelo fim do convênio da USP com a Secretaria de Segurança Pública, por outro projeto de segurança na universidade, liberdade aos presos e nenhuma punição administrativa ou criminal aos estudantes, retirada de todos os processos movidos por motivos políticos. A assembleia também reivindicou fora Rodas. Diversas entidades como a Conlutas, Sintusp e ADUSP se manifestaram contra a ação da PM. Segue abaixo nota da APROPUC e do NEILS - Núcleo de Estudos de Ideologia e Lutas Sociais.

A posição da APROPUC

Na manhã de 8 de novembro de 2011, quase um ano após o espetáculo midiático que foi a chamada invasão do Complexo do Alemão no Rio de Janeiro, por tropas das polícias civil, militar e da marinha brasileira, pudemos testemunhar um triste espetáculo veiculado ao vivo nas emissoras de rádio e televisão envolvendo uma invasão de agentes do Estado.

Diferente do episódio de 2010, onde uma comunidade inteira foi sitiada e oprimida com a desculpa de combater os pequenos traficantes do Rio de Janeiro (enquanto os grandes continuam morando calmamente na zona sul carioca e os bairros aonde as milícias atuam, e não têm a menor sombra de qualquer tipo de perseguição por parte da força pública), com graves denúncias de abuso de poder e desrespeito aos direitos humanos, o que aconteceu na manhã do dia 8/11, em São Paulo, foi a invasão em uma universidade com a desculpa mera e

simples de combater um movimento organizado que no fundo simplesmente reivindica a liberdade. Mas o espetáculo midiático de criminalização continua o mesmo, agora também contra a juventude e a liberdade de expressão e reivindicação de direitos.

Uma verdadeira bomba relógio foi armada na USP pela elite tucana há alguns anos, podendo ser representada pelo emblemático lançamento da candidatura do atual reitor da universidade, João Grandino Rodas, ao posto máximo da instituição em 2007. Diferente de sua sucessora Sueli Vilela, Rodas convocou a tropa de choque para entrar na Faculdade de Direito, que na época ele dirigia, sem pedido formal à justiça, para que uma manifestação pacífica do MST, que estava inserida numa jornada de lutas por educação e reforma agrária e tinha hora marcada para terminar na manhã seguinte, fosse expulsa da faculdade.

Nos bastidores da USP, com

o apoio direto do PSDB e do Palácio dos Bandeirantes, aquele fato foi tratado como o lançamento da candidatura de Rodas para a reitoria da universidade, que criticava a postura de Sueli Vilela de continuar a negociar e de ceder em algumas das reivindicações dos estudantes envolvidos na ocupação da reitoria de 2007. Rodas não foi eleito pela comunidade, e sim pela própria eleição indireta.

Na votação, o então reitor fi-

cou em terceiro lugar, o que levou o governador José Serra a quebrar a tradição, e indicar seu candidato a partir da lista triplíce, mesmo não tendo apoio sequer da maior parte da burocracia da USP, a ponto de ser recentemente eleito como *persona non grata* em sua própria faculdade. Não era para se esperar desfecho diferente com o histórico de Ro-

continua na próxima página

PUCViva

Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.

Apropuc: Rua Bartira 407 - CEP: 05009-000 - Fone: 3872-2685.

Afapuc: João Ramalho 182, 7º andar - Fone: 3670-3391.

PUCViva: 3670-3391 - **Correio Eletrônico:** pucviva.jornal@uol.com.br - **PUCViva na Internet:** www.apropucsp.org.br

Editor: Valdir Mengardo
Reportagem: Caio Rubens Zinet, Marina D'Aquino e Ana Carolina Andrade

Fotografia: Marina D'Aquino
Projeto Gráfico, Edição de Arte e Editoração: Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães

Conselho Editorial: Maria Beatriz Abramides, João B. Teixeira, Priscilla Cornalbas e Victoria C. Weischtordt

As matérias assinadas não expressam necessariamente as posições das entidades e da redação.

continuação da
página anterior

-das, que atua como um verdadeiro interventor do Palácio dos Bandeirantes na universidade.

Em 2009 e na semana passada, a polícia militar usou bombas de gás e violência física contra as manifestações de estudantes e servidores no interior do campus do Butantã, e a repressão continuou com questionáveis processos administrativos e disciplinares, e com a demissão de funcionários aposentados. Hoje, a bomba relógio armada por Rodas e pelo Governo de São Paulo explodiu de vez.

A APROPUC - Associação dos Professores da PUC-SP - vem com tristeza repudiar a ação truculenta da Polícia Militar do Estado de São Paulo contra os estudantes que estavam ocupando a Reitoria da USP. As cenas que vimos com tropas de choque e blindados prendendo estu-

dantes lembram, em muito, as fotos em preto e branco de quando as tropas do Comando Militar do Sudeste invadiram o CRUSP, em 1968. A diferença é que oficialmente, hoje, o Brasil é uma suposta democracia, mas que na prática representa uma ditadura de quem possui o poder e o capital para governar.

Os 73 estudantes respondem processos criminais, após terem sido presos políticos do Governo do Estado de São Paulo. A desculpa demagógica de segurança não pode servir para instalar uma ditadura, não apenas no campus da USP, mas em toda a cidade. A Polícia Militar de São Paulo é uma das mais violentas do mundo. Em cinco anos matou mais pessoas do que todas as polícias dos Estados Unidos juntas, mesmo com uma população oito vezes menor, incluindo os famigerados e não investigados autos de resistência.

A discussão não é sobre se

deve haver policiamento dentro das universidades ou não. No caso, a discussão trata-se da política de segurança pública implantada em São Paulo que serve para criminalizar a população pobre e os movimentos sociais organizados, em prol da especulação imobiliária, da desigualdade social e do combate à livre organização e

expressão. A APROPUC se solidariza à comunidade da USP e exige a libertação dos presos políticos de Rodas e Aleckmin, a retirada de todo e qualquer processo administrativo e a abertura efetiva de diálogo com as entidades representativas da comunidade ADUSP, Sintusp e DCE-Livre sobre as demandas internas da universidade.

Nota do Neils

Intervenção policial não rima com autonomia universitária, pré-requisito essencial para as atividades de ensino, pesquisa e extensão. Bastaria isto para repudiamos a invasão da USP pela Polícia Militar. Mas a situação é ainda mais preocupante quando a invasão ocorre por iniciativa de quem, por princípio, deveria ser o maior responsável para que a universidade fosse ciosa desta autonomia: o reitor. Este se torna co-responsável por uma ofensiva que não atinge apenas a USP, mas o conjunto da vida universitária brasileira.

Comprova-se, mais uma vez, que os inimigos da universidade livre e autônoma, assim como os que a defendem, estão dentro e fora do campus. Movimentos sociais, dentro e fora da universidade, não devem ser criminalizados. A defesa da autonomia universitária confunde-se cada vez mais, em toda a sociedade, com a defesa da democracia.

Neils - Núcleo de Estudos de Ideologia e Lutas Sociais

GAUCHE NA VIDA

A USP deve ter autonomia, sim!

Lincoln Secco

Não é comum ver livros como armas. Enquanto no dia 27 de outubro de 2011 a imprensa mostrou os alunos da FFLCH da USP como um bando de usuários de drogas em defesa de seus privilégios, nós outros assistimos jovens indignados, mochila nas costas e livros empunhados contra policiais atônitos, armados e sem identificação, num claro gesto de indisciplina perante a lei. Vários alunos gritavam: "Isto aqui é um livro!".

Curioso que a geração das redes sociais virtuais apresente esta capacidade radical de usar novos e velhos meios para recusar a violação de nossos direitos. No momento em que o conhecimento mais é ameaçado, os livros velhos de papel, encadernados, carimbados pela nossa biblioteca são erguidos contra o arbítrio.

Os policiais que passaram o

dia todo da última quinta-feira revistando alunos na biblioteca e nos pátios, poderiam ter observado no prédio de História e Geografia vários cartazes gigantes dependurados. Eram palavras de ordem. Algumas vetustas. Outras "impossíveis". Muitas indignadas. E várias poéticas... É assim uma universidade.

A violação da nossa autonomia tem sido justificada pela necessidade de segurança e a imagem da FFLCH manchada pela ação deliberada dos seus inimigos. A Unidade que mais atende os alunos da USP, dotada de cursos bem avaliados até pelos duvidosos critérios de produtividade atuais, é uma massa desordenada de concreto com salas superlotadas e realmente inseguras. Mas ainda assim é a nossa Faculdade!

É inaceitável que um espaço dedicado à reflexão, ao trabalho, à política, às artes e também à recreação de seus jovens estudantes seja ameaçado pela força po-

licial. Uma Universidade tem o dever de levar sua análise crítica ao limite porque é a única que pode fazê-lo. Seus equívocos devem ser corrigidos por ela mesma. Se ela é incapaz disso, não é mais uma universidade.

A USP não está fora da cidade e do país que a sustenta. Precisa sim de um plano de segurança próprio como outras instituições têm. Afinal, ninguém ousaria dizer que os congressistas de Brasília têm privilégios por não serem abordados e revistados por Policiais. A USP conta com entidades estudantis, sindicatos e núcleos que estudam a intolerância, a violência e a própria polícia.

Ela deve ter autonomia, sim. Quando Florestan Fernandes foi preso em 1964, ele escreveu uma carta ao Coronel que presidia seu inquérito policial militar explicando-lhe que a maior virtude do militar é a disciplina e a do intelectual é o espírito crítico... Que alguns militares ainda não o sai-

bam, é compreensível. Que dirigentes universitários o ignorem, é desesperador.

Lincoln Secco é professor livre-docente de História Contemporânea da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP.

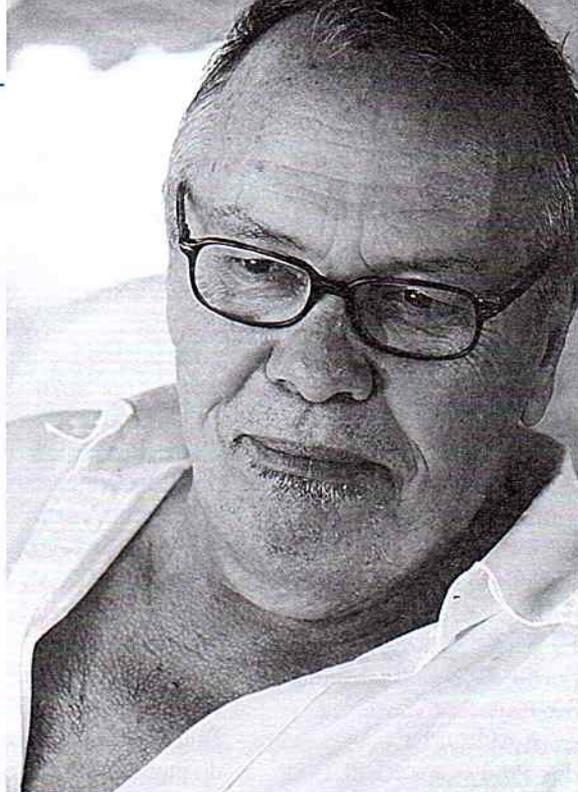
<http://www.viomundo.com.br/politica/lincoln-secco-a-usp-deve-ter-autonomia-sim.html>

Nesta sessão, apresentamos pequenos textos críticos acerca das várias dimensões da vida humana, de preferência no plano internacional. Se você tiver contribuições (no máximo 5.000 caracteres com espaços), mande ver.

BENAURO

ROBERTO DE OLIVEIRA,

O BENO



ARQUIVO PESSOAL

Entre as palavras usadas por amigos e familiares para descrever a personalidade do professor Benauro Roberto de Oliveira, falecido no dia 26/10, sem dúvida "generosidade" foi a mais proferida.

Professor do antigo ciclo básico, lecionou na PUC-SP entre 1978 e 1990, destacando-se na disciplina Problemas Filosóficos e Teológicos do Homem Contemporâneo. Beno, como era conhecido por seus colegas e alunos, percorreu um caminho de dedicação à universidade e militância política ativa.

A professora Lúcia Barroco, do curso de Serviço Social e diretora da APRO-PUC, lembra que entre 1979 e 1980, quando foi sua monitora é que aprendeu a fazer política e que começou sua militância. "Comecei a aprender marxismo com o Beno nesta monitoria", relata Lúcia.

Benauro foi militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e durante a ditadura militar foi preso por três vezes, sofrendo torturas e perseguições, tendo inclusive que se exilar na antiga União Soviética. Sua esposa, Sandra Pinheiro Mendonça, relatou ao

PUCviva os percalços que passaram, o sentido ético e a generosidade que marcaram a atividade política de Beno durante um dos períodos mais negros da história do país. "Apesar de tudo ele nunca deixou de ser socialista", acrescenta Sandra.

A PAIXÃO PELA DOCÊNCIA

O amor que dedicava a tudo que fazia era uma constante na vida de Benauro. Sandra relembra que convidada por Beno para assistir uma de suas aulas, se encantou pelo seu futuro companheiro, o que acabou redundando num casamento de 25 anos. "A vida com ele foi um romance adorável: pai adorável de nossos dois filhos, encantador na sua maneira de ser, tudo isto era expresso na grande quantidade de amigos que ele tinha", comenta Sandra.

Essa opinião também é partilhada por Lúcia Barroco, que, em poucas palavras, definiu Beno: "generoso, coerente politicamente, espirituoso, amigo leal. Além de amigo e professor ele contribuiu para a minha

formação política. Minha e de todos que passaram pelas suas aulas".

BLUES E SAMBA

A música marcou sobremaneira a vida de Beno, o blues e o jazz, principalmente. Mas sobrava um espaço considerável para o samba. A professora e ex-vice-reitora comunitária Branca Jurema Ponce, conta de sua emoção em 1973, quando juntos

saíram na Pérola Negra, escola de samba que Beno ajudou a fundar e da qual foi diretor. "Ninguém passou perto do Beno sem ter levado uma marca do que é um amigo", acrescentou emocionada a professora.

Conforme seu desejo suas cinzas serão jogadas na Praça Benedito Calixto, em Pinheiros, e no sítio em São Lourenço da Serra, onde deveria passar a sua aposentadoria.

"O mais bem humorado mal humorado que conheci"

Beno não foi apenas meu colega no Básico da PUC-SP, mas, por 35 anos consecutivos, meu amigo cotidiano, com filhos crescendo juntos, militâncias se entrecruzando, casamentos se amalgamando nos sonhos coincidentes.

Por isso, Benauro, homem de fato íntegro, convicto nos princípios democráticos e igualitaristas, jamais obtuso nas posturas e sempre recusando a superficialidade demagógica. Degustador do jazz e do blues, mestre nessa arte de também nos ensinar a sorver emoção, foi o mais bem humorado mal humorado que

conheci; por vezes sarcástico sem humilhação, ressoava uma gargalhada gutural que o marcou muito. Acima de tudo, falava sobre as lutas sem exibir cicatrizes como encargo, sempre como patrimônio; até dos torturadores que o vitimaram várias vezes soube escarnecer, trazendo histórias que mostravam muito mais a vitória dos decentes do que a violência dos liberticidas. Afetivo de modo único, político de modo múltiplo, professor de modo intenso, amigo de modo extenso.

Mário Sérgio Cortella, professor do Departamento de Fundamentos da Educação

Militantes debatem impactos do "Muro do Apartheid" na vida palestina

Atendendo ao chamado da sociedade civil palestina, a APROPUC, em parceria com a Frente em Defesa do Povo Palestino-SP, realizou no dia 8/11, às 19h, no auditório 333, o debate "O Muro do Apartheid e a resistência Palestina". A atividade fez parte da semana mundial contra o Muro do Apartheid, que contou com iniciativas em diversos países.

Estiveram presentes ao debate Abdallah Abu Rahmah, destacado líder da resistência não violenta na Palestina; Baby Siqueira Abrão, jornalista que reside na Palestina e atua como correspondente do jornal *Brasil de Fato* e do site *Opera Mundi*; e Soraya Misleh, jornalista palestino-brasileira, membro do Mopat (Movimento Palestina para Todos) e diretora do Instituto da Cultura Árabe. A mediação foi realizada pela professora Bia Abramides, presidente da APROPUC-SP.

Abdallah Abu Rahmah teceu um panorama da situação da Palestina com enfoque nos impactos que a construção do muro de 700 km em volta de Israel trouxe para a vida dos palestinos. "O muro não serve para a segurança dos israelenses, é um muro de confisco de terras do povo palestino, em especial as terras mais próximas de fontes de água e de melhor qualidade", afirmou.

Abdallah lembrou também que o muro divide várias cidades da Cisjordânia, separando vilarejos, e impedindo que palestinos passem pelos chamados 'checkpoints'. "O muro causou dano em pelo me-

nos 130 vilas, sendo que 29 ficaram completamente isoladas pela construção dos muros. A única entrada e saída desses locais é controlada pelos soldados israelenses", afirmou.

O militante contou sobre a experiência de resistência não violenta que participa na Palestina. "Nós escolhemos a resistência não violenta para mostrarmos que não somos contra os judeus e não queremos matá-los. Queremos acabar com a ocupação de nosso território. Além disso, o exército de Israel não está preparado para lidar com essas situações", disse.

RELAÇÃO BRASIL ISRAEL

Baby Siqueira iniciou o debate contando parte da história da Palestina. Para ela, "o destino do povo palestino começou a ser traçado no final do século XIX quando o movimento sionista decidiu que iria construir um Estado judeu onde hoje é Israel. A partir desse momento os sionistas começam a fazer lobby com diversos governos influentes para conquistar apoio

político para a criação do Estado de Israel", afirmou.

A jornalista Soraya Misleh, por sua vez, lamentou que o governo brasileiro mantenha relações comerciais com Israel. "O Brasil é hoje o quinto maior comprador de armas de Israel, sendo que a FAB (Força Área Brasileira) abriu um escritório em TelAviv para facilitar a compra e venda de armas. Isso tudo vai na

contramão das decisões de diversos países, e, sobretudo, vai contra a luta do povo palestino", afirmou.

Ela lembrou também o debate sobre direito promovido pela PUC-SP com um representante do governo de Israel. "Nós precisamos pressionar e exigir do governo brasileiro e de nossas universidades que não façam parcerias com Israel", concluiu.

Moção de apoio à luta palestina

Durante o debate sobre a situação da Palestina, a professora Bia Abramides leu uma proposta de moção, aprovada por aclamação no plenário. Abaixo a íntegra da nota.

Todo apoio aos trabalhadores e camponeses Palestinos! Abaixo o Muro do Apartheid! Viva a luta do Povo Palestino!

Na Semana Internacional Contra o Muro do Apartheid, de 9 a 16/11, recebam nosso apoio e solidariedade à vossa luta pela construção do Estado Palestino e contra a política criminoso do Estado Sionista de Israel.

Nossa solidariedade e apoio integral à sua luta pela derrubada do Muro do Apartheid, mais um instrumento de repressão, opressão, divisão e militarização do Estado Sionista de Israel contra os vossos direitos.

Nós da APROPUC-SP lhes enviamos nosso abraço e solidariedade. Nos colocamos à disposição para mais iniciativas de solidariedade à luta histórica pelos direitos do povo Palestino, luta do conjunto dos trabalhadores e povos oprimidos e explorados em todo o mundo.

Bia Abramides
Presidente da APROPUC-SP



Da esq. para dir.: Abdallah Abu Rahmah, Baby Siqueira, Bia Abramides e Soraya Misleh

Dois debates realizados durante a semana passada exigiram a saída imediata das tropas da ONU do Haiti. O primeiro ato aconteceu dia 5/11, no 8º andar da Câmara Municipal dos Vereadores de São Paulo, e contou com a presença de vários militantes de toda a América que se opõe à presença das tropas brasileiras no país.

Já o segundo debate aconteceu na sala P-76, na PUC-SP, no dia 9/11, e contou com a presença de Didier Dominique, membro do grupo Batay Ouviyé, um dos líderes da resistência do povo haitiano, além de Lúcia Skromov, do comitê Pró-Haiti, e Ramon Vilarino, professor de história da PUC-SP.

Durante o debate, Didier expôs um quadro geral da situação do Haiti mostrando que os Estados Unidos preparam o país desde a década de 1980 para servir como fornecedor de mão-de-obra extremamente barata, e atrativa para as multinacionais. "Durante os últimos 20 anos, as empresas americanas compraram moinhos, e depois os destruíram. Fizeram a mesma coisa com as produções de café, banana e arroz. Dessa forma se destruiu a economia local, e o preço da mão-de-obra despençou", afirmou.

"Um trabalhador haitiano recebe, em média, US\$ 4,00 por dia de trabalho, a terceira mão de obra mais barata do mundo. O índice de desemprego é de 72%, e isso é o atrativo utilizado para atrair grandes empresas multinacionais, em es-

Atos exigem a saída das tropas da ONU no Haiti



Acima o debate na Câmara Municipal; abaixo, à esquerda, apresentação do grupo de hip-hop do Capão Redondo durante o ato; à direita, no debate da PUC-SP, a presença de Didier Dominique, com a revista PUCviva sobre o Haiti em mãos, ao lado do professor Ramón Vilarino

pecial o setor têxtil", completou Didier Dominique.

O militante haitiano também lembrou que o projeto americano, liderado pelo ex-presidente Bill Clinton, é de instalar 40 zonas francas no Haiti. "São zonas francas, onde as empresas não pagam taxa alguma, elas podem até construir aeroportos dentro dessas regiões. Isso tudo para beneficiar as grandes empresas, e aumentar ainda mais a exploração sobre o povo haitiano".

Didier também questionou o caráter humanitário das tropas da Minustah, para ele as tropas estão no Haiti porque o exército haitiano não é capaz sozinho de conter as mobilizações sociais no país.

"As tropas da ONU estão no Haiti para conter a mobilização popular, e aju-

dar na formação de exército local. A ajuda humanitária veio com os médicos e engenheiros de Cuba e Venezuela, e não com os soldados da ONU", afirmou.

HISTÓRIA

O professor Ramon Vilarino, traçou um breve histórico do Haiti, e lembrou que o país sempre pagou por ter sido o único país latino-americano a fazer a chamada dupla revolução, independência política aliada com fim da escravidão. "O Haiti foi o único país a fazer a dupla revolução, e ainda expulsou os colonos de sua ilha, e o país paga por isso até hoje", contou o professor.

No mesmo sentido, Lúcia Skromov, militante do comitê pró-Haiti, afirmou que o Haiti é um país que foi "sistematicamente empobrecido ao longo de sua

história, e que até hoje é penalizado por ter ousado fazer uma revolução de escravos".

ATO NA CÂMARA MUNICIPAL

O ato continental que ocorreu na Câmara Municipal dos Vereadores de São Paulo reuniu cerca de 500 manifestantes e militantes de diversos países da América Latina e Europa.

Colca Clark, militante do movimento negro nos Estados Unidos, afirmou que a delegação americana "veio de tão longe porque é o nosso governo (americano) que faz essas políticas opressoras contra o povo haitiano", afirmou.

Clark contou que foi ao Haiti para acompanhar uma comissão que elaborou um relatório sobre a situação do país. "A luta contra a ocupação das tropas da ONU no Haiti não é uma preocupação somente do povo haitiano, tem que ser encarada como uma preocupação de todo o mundo", completou.

O deputado Estadual Adriano Diogo (PT/SP), por sua vez, afirmou que "não há necessidade da presença das tropas da ONU no Haiti", e que a o país caribenho não "pode ser uma zona franca de trabalho escravo, como está se tornando".

O parlamentar afirmou ainda que "as tropas brasileiras no Haiti estão com a mesma mentalidade daquelas que mataram os militantes da Guerrilha do Araguaia, e reprimiram as manifestações durante a ditadura militar no Brasil".

Carta aberta à diretoria da APROPUC

Franklin Goldgrub

Não é qualquer novidade constatar que, mais uma vez, o *PUCviva* reincide em veicular informações absolutamente falsas sobre Israel.

Parece que a entidade especializou-se em desconhecer tanto a legislação internacional sobre negociações territoriais como o direito à legítima defesa de um país cuja destruição é preconizada por ditaduras hediondas, responsáveis pela opressão, tortura e massacre do povo árabe/muçulmano. Ditaduras das quais fazem parte o Fatah e o Hamas, responsáveis exclusivos pelos problemas da Cisjordânia e de Gaza.

Israel é, demonstravelmente, o único país do Oriente Médio onde árabes (muçulmanos e cristãos), judeus, baha'is, drusos, beduínos e circassianos gozam de plenos direitos - os mesmos que brilham pela ausência sob a administração do Fatah e do Hamas. Sem falar do restante da região, cujos regimes tirânicos são recordistas em práticas de terror, guerras e massacre de civis.

O modus operandi se repete. As matérias do *PUCviva* seguem as diretrizes goebbelianas com a intenção de produzir nos leitores o mesmo reflexo condicionado que o célebre experimento de Pavlov visava obter nos cães do laboratório. A palavra Israel é incessantemente associada com "ocupação", "opressão", "apartheid", "colonialismo", "desrespeito aos direitos humanos", exatamente como a campanha era acionada antes da apresentação do alimento.

Mas desta vez há um elemento suplementar. De uma

tacada só, os autores da "carta aberta ao Reitor da PUC-SP" mostram a sua propensão à censura - típica das ditaduras de direita -, o desrespeito à autonomia universitária e também sua profunda ojeriza ao debate e à livre expressão de ideias.

Não é pouco em termos de contradição, visto os valores apregoados oficialmente pela APROPUC. Se é esse o conceito que a APROPUC tem de democracia, fica cada vez mais fácil entender porque a entidade conseguiu afastar de si a grande maioria dos professores. Ironia das ironias, o que motivou o protesto, verdadeiro bumerangue que expõe seus autores de forma até cruel, é uma apresentação sobre o sistema jurídico de Israel.

Sistema jurídico é uma expressão que, além de desconhecida pelas ditaduras do Oriente Médio, provoca profundo mal-estar naqueles que abominam a democracia e veneram o estilo de justiça stalinista (a "justiça de classe"). Os condicionadores pavlovianos talvez temam que a proximidade entre "Israel" e "sistema jurídico" atrapalhe o esquema goebbiliano mediante o qual destilam suas calúnias.

Há pouco um blogueiro egípcio, que fez comentários favoráveis a Israel, foi internado pelo novo regime do Cairo em um hospital psiquiátrico. É mais um elo de ligação entre as ditaduras do Oriente Médio e a ditadura soviética do "proletariado", que usou e abusou da internação de dissidentes.

Na última página do mesmo número 803 consta uma chamada para outro "ato" dedicado à demonização do sionismo. De um lado, pretende-se impedir

qualquer atividade ligada a Israel, acusada de "propaganda", e de outro, quer-se inocular a "narrativa" própria, sem oposição.

Uma das vacas sagradas da herança stalinista, a "monopolização dos meios de produção", mostra-se a céu aberto, agora no campo intelectual.

Vale como um retrato perfeito da novílingua orwelliana adotada pelo *PUCviva* e não somente em relação ao Oriente Médio.

O boicote e o cerceamento do direito à livre expressão foram amplamente utilizados pela Alemanha nazista contra os judeus. Não é por mera coincidência que essa tática sórdida, típica de uma direita autoritária que com o tempo exibiu sua face genocida, tenha sido adotada agora por um tipo de esquerda que traiu todos os seus ideais, aliando-se aos piores regimes do planeta.

Como se não bastasse, a carta invoca em seu apoio universidades sequiosas de petrodólares, maquiando seus motivos para promover o boicote a Israel, bem como uma entidade - a ONU - cujos membros são, em 'esmagadora' maioria (2/3), tiranias e regimes autoritários.

Kadhafi, aliás, o maior financiador da London School of Economics, foi um generoso doador para instituições do gênero. E inclusive patrocinou um prêmio, o prêmio Kadhafi de Direitos Humanos (sic!), que foi entregue a Tayyip Erdogan, Louis Farrakhan, Jean Ziegler, Hugo Chávez e ao próprio Barack Obama, o último agraciado...

A lista é longa, e abriga outros personagens e instituições, todos ligados, obviamente, aos interesses do ex-

ditador líbio, cujo oportunismo parece ter feito escola onde menos se esperaria.

Tudo leva a crer que os 'rebeldes' líbios aplicaram ao próprio Kadhafi a respectiva concepção de direitos humanos, linchando-o em vez de julgá-lo em tribunal. A mesma concepção prevalece na repressão do regime sírio contra manifestantes, entre os quais há verdadeiros defensores de direitos humanos e verdadeiros militantes de esquerda. O silêncio atroz da "esquerda" ocidental em relação aos correligionários assassinados revela até onde chega a sua degradação moral. É essa mesma "esquerda" que pretende linchar moralmente Israel...

Assim como a direita alemã dos anos 30 usou a minoria judaica como bode expiatório para seu fracasso militar na primeira guerra mundial, a pseudo esquerda ocidental tem usado Israel para compensar seu retumbante fracasso econômico, político e ético na Europa Oriental e alhures.

Os direitos humanos tão alardeados por essa pseudo esquerda são os direitos humanos versão Kadhafi, direitos humanos que outorgam aos terroristas licença para exterminar não muçulmanos, assim como massacrar minorias muçulmanas e dissidentes.

Sempre a serviço do terrorismo de estado, amplamente difundido no Oriente Médio, e em relação ao qual Israel, estado de direito desde sua fundação, no qual vige a separação de poderes e cujas eleições são de uma honestidade ímpar, constitui a única exceção.

Franklin Goldgrub é professor da FaCHS

ROLA NA RAMPA

Consad inicia debate sobre "vestibular social"

Cursos como filosofia, espanhol e inglês poderão ter suas mensalidades reduzidas a partir do vestibular do meio do ano de 2012. O Conselho de Administração (Consad) se reuniu no dia 11/11 e deliberou pelo estudo da possibilidade de realizar o "vestibular social", que seria destinado a cursos com baixa procura. Dessa forma, o estudante que entrar através do novo vestibular pagará um valor de mensalidade inferior ao pago atualmente. A decisão, no entanto, atrela a redução de mensalidades a uma política de redução de gastos nos cursos. A previsão é que o estudo

prevendo o novo valor da mensalidade para esses cursos, assim como os cortes previstos, seja analisado durante a primeira reunião do Consad de 2012, e os novos valores seriam praticados para os estudantes que ingressarem no vestibular do meio do ano. Durante a reunião também foi debatido o tema do enquadramento de cerca de 35 professores à carreira do docente. O conselheiro, e Secretário Executivo da Fundação São Paulo, Padre João Júlio, no entanto, pediu vistas do processo, e o tema será debatido na próxima reunião do conselho, que deverá ser realizada no dia 25/11.

15ª Semana de Arte Modesta agita a PUC-SP



MARINA D'AQUINO

Entre os dias 7 e 11/11, ocorreu a 15ª Semana de Arte Modesta, sob o tema "Arte no tempo e espaço da PUC-SP". A semana já é tradicional na rotina da comunidade puquiana e tem como proposta realizar intervenções artísticas e habitar poeticamente o espa-

ço da universidade. Na segunda-feira, 7/11, as atividades tiveram início com a pintura de um bandeirão e exibição do filme Metrôpolis (foto). Já na quarta, à noite, foi realizado um sarau com participação dos estudantes e apresentação de poesias autorais.

Pré-estreia de O Céu Sobre os Ombros

A Videoteca da PUC-SP em parceria com a Brazucah Produções e Vitrine Filmes convida para as sessões especiais do filme "O Céu Sobre os Ombros", do diretor Sérgio Borges, na quarta-feira, 16/11. A primeira sessão às 10h e a segunda às 19h. O filme, que foi atração na 35ª Mostra Internacional de Cinema São Paulo e teve uma trajetória vencedora pelos festivais que percorreu (43º Festival de Brasília, Festival Cinematográfico do Uruguai), faz sua passagem agora pela PUC-SP antes de estrear no circuito comercial de cinemas na sexta-feira, dia 18/11. A atividade acontece no Auditório Paulo VI, ao lado da Biblioteca.

3º Encontro de História e Comunicação

Entre os dias 16 e 18/11, acontecerá o 3º Encontro Transdisciplinar de História e Comunicação: História Cultural e Semiótica da Cultura. Na quarta-feira, 16/11, às 13h30, haverá uma mesa abertura com os professores Amálio Pinheiro e Yvone Dias Avelino. Já nos dias 17/11 e 18/11, ocorrerão encontros de grupos de trabalho, das 9h às 12h e das 14h às 17h. Nos dias 16 e 17/11 as atividades serão no auditório Prof. Dr. Ricardo Hasson Sayeg (sala 100) e no dia 18/11 no auditório Prof. Titular Marco Antonio Marques da Silva, ambos no 1º andar do prédio novo. O evento é voltado a pesquisadores do campo da comunicação, história e áreas afins, e promovido pelo Pós-em História da PUC-SP e Pós em Comunicação e Semiótica da PUC-SP.

Último encontro do ciclo de cinema

Acontece no dia 18/11, às 19h, na sede da APROPUC, o último encontro do ciclo "O Cinema e a Construção do Conhecimento". Já foram realizados três dos quatro encontros e o último, previamente agendado para ocorrer no dia 11/11, foi adiado para a semana seguinte. Neste último encontro, o tema em debate é "Estética cinematográfica, engajamento e alienação", fechando o ciclo sobre cinema. Segundo o professor Mauro Perón, organizador do encontro, "neste último encontro, o cinema será abordado em seu poder de reeducar-se discursivamente, ampliando as reflexões para os nexos entre engajamento e alienação da estética cinematográfica, e de como pode-se levantar uma suspeita sobre os termos da renovação do olhar do cineasta e do olhar do espectador, aspectos esses interrogados sempre mediante o exame de trechos de filmes de variados contextos, e com diversos aportes temáticos e estilísticos". A atividade é aberta a todos, independente de terem participado dos encontros anteriores.

Aniversário do Museu da Cultura

Ainda pouco conhecido pela comunidade puquiana, o Museu da Cultura da PUC-SP completa no mês de novembro 20 anos de existência. Para marcar a data, uma exposição com fotos e obras que relembram os 20 anos de atividade do Museu teve abertura no dia 10/11 e segue até 9/12. O espaço fica no Prédio Velho, no andar do Pátio da Cruz.